

# POBREZA E REDES SOCIAIS EM UMA FAVELA PAULISTANA

Ronaldo de Almeida e Tiaraju D'Andrea

## RESUMO

A partir de pesquisa etnográfica realizada em uma grande favela de São Paulo, o artigo enfoca os mecanismos de inclusão social concernentes a redes sociais formadas por vínculos primários e associativos. Dentre estes, destaca-se como o de maior alcance entre os moradores da favela de Paraisópolis o associativismo religioso, confirmando tendência mais geral verificada entre as camadas mais pobres da Região Metropolitana de São Paulo. O estudo constata a diversidade da configuração da pobreza no espaço metropolitano, que varia conforme o maior ou menor acesso dos indivíduos a uma "estrutura de oportunidades" e o "capital social" presente em cada contexto.

*Palavras-chave: pobreza; redes sociais; religião; migração; capital social.*

## SUMMARY

From an ethnographic fieldwork in Paraisópolis, a large São Paulo shantytown ("favela"), the article focuses on social inclusion processes related to social networks formed by primary and associative links. Among them, religious associating is the more extensive one in Paraisópolis, which stress the major tendency observed in poorer strata of São Paulo Metropolitan Area. The study points out the diversity of poverty configuration in the metropolitan space, which varies according to bigger or smaller individuals' access to a "structure of opportunities" and to the "social capital" present in each context.

*Keywords: poverty; social networks; religion; migration; social capital.*

Este artigo enfoca os vínculos societários mantidos pelos moradores de Paraisópolis, favela localizada na zona sul da cidade de São Paulo. A partir de pesquisa etnográfica ali realizada, constatou-se que esses vínculos — de parentesco, de vizinhança, entre conterrâneos, com instituições religiosas e do Terceiro Setor — constituem redes sociais pelas quais circulam benefícios materiais (por vezes em forma de informações e contatos) e afetivos (amizades, matrimônios, apoio emocional etc.) que contribuem para fomentar a integração socioeconômica dos membros daquela comunidade, atenuando a sua condição de vulnerabilidade. Nesse emaranhado de redes sociais destacam-se as de caráter religioso, que constituem o vínculo associativo de maior alcance na favela, assim como na própria Região Metropolitana de São Paulo, sobretudo entre as camadas mais pobres.

Inicialmente, partimos da idéia de que Paraisópolis seria um local de pobreza extrema, sobretudo em face do contraste visual com seu entorno, formado por condomínios e residências de classe alta. Contudo, uma das conclusões da pesquisa indicou que Paraisópolis, entre outros fatores por sua localização e antiguidade, é um lugar relativamente atípico em São Paulo, com uma significativa "estrutura de oportunidades"<sup>1</sup> em relação ao conjunto de favelas da Região Metropolitana. Assim, a constatação mais geral da pesquisa, e por conseguinte o pressuposto deste artigo, é a existência de diferenciadas pobreza urbanas, que variam segundo o capital social de cada contexto.

A pesquisa etnográfica em Paraisópolis decorreu entre 2002 e 2003. Entretanto, uma outra pesquisa ali realizada em 1996 serviu como referência temporal para compreender algumas transformações da favela e dos seus moradores<sup>2</sup>. A observação de campo nesses dois períodos concentrou-se em torno de trinta famílias, algumas delas conectadas em redes de família extensa, além de indivíduos observados — por motivos circunstanciais — à parte do seu núcleo familiar. Compuseram ainda o universo da pesquisa as instituições que estruturam as práticas associativas dos moradores: a União de Moradores de Paraisópolis, ONGs, grupos filantrópicos e igrejas. Realizaram-se entrevistas gravadas, mas boa parte das informações colhidas deveu-se à observação das atividades cotidianas dos moradores e das lideranças locais.

A pesquisa fez parte de um projeto mais amplo conduzido no âmbito do Cebrap, que investigou a vulnerabilidade e os mecanismos de inclusão social na Região Metropolitana de São Paulo<sup>3</sup>. Um dos produtos desse projeto de pesquisa foi o *survey* aplicado em Paraisópolis no segundo semestre de 2002, com 524 entrevistas efetivas, no qual também se apoia a análise apresentada a seguir.

### A favela e seu entorno rico

Uma das principais características de Paraisópolis — a segunda maior favela da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) — é a sua densa aglomeração populacional, que gera problemas habitacionais que vão desde a construção da casa à posse do terreno, além das péssimas condições urbanas. Em sua maioria, os domicílios da favela foram construídos na forma de "puxados", ou seja, extensões de compartimentos da moradia para acomodar o fluxo de parentes e agregados. Diante desse quadro — e para além da notória descontinuidade das ações governamentais —, os serviços públicos básicos e de infra-estrutura não conseguem acompanhar o crescimento da favela.

Mesmo em face dessas condições precárias, alguns moradores que migraram de outras favelas da RMSP afirmaram que Paraisópolis é lugar de ascensão social relativa, além de não ter uma atividade econômica influen-

(1) A noção de *estrutura de oportunidades* "alude ao fato de que os canais para o bem-estar estão estreitamente vinculados entre si, de modo que o acesso a determinados bens, serviços ou atividades provê recursos que por sua vez facilitam o acesso a outras oportunidades" (Katzman, Ruben e Filgueira, Carlos. *Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructuras de oportunidades*. Montevídeu: Cepal, 1999, mimeo, p. 9).

(2) A equipe da área de Cultura e Política do Cebrap realizou em Paraisópolis uma das várias pesquisas conduzidas no país para o projeto "O impacto social da televisão sobre o comportamento reprodutivo no Brasil", que contou também com pesquisadores da Universidade do Texas, Nepo-Unicamp, Cedeplar-UFMG e ECA-USP.

(3) Cf. Comin, Alvaro (coord.). *Desenvolvendo mecanismos de inclusão social na nova ordem metropolitana*. São Paulo: Cebrap, 2004 (mimeo). A pesquisa contou com financiamento da Finep.

ciada diretamente pela criminalidade, como em outros contextos pobres das regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. Essa opinião favorável, recolhida em entrevistas em profundidade, deve-se sobretudo à disponibilidade de oferta de ocupação profissional, que ali seria melhor do que em áreas mais industrializadas da RMSP. Com efeito, quase todos os entrevistados declararam exercer alguma ocupação, em geral com alta informalidade e concentrada no comércio e na prestação de serviços (sobretudo domésticos), com pouquíssimo emprego industrial.

Essas atividades profissionais derivam em grande medida da própria localização da favela, geograficamente circunscrita por residências e condomínios de classe alta do bairro do Morumbi (uma peculiaridade que lhe confere um perfil mais próximo ao das favelas da zona sul do Rio de Janeiro). Na verdade, Morumbi e Paraisópolis cresceram juntos, pois a expansão dos grandes empreendimentos imobiliários no bairro, já nos anos 1970, determinou a fixação ali de uma população atraída pela demanda de mão-de-obra para construção civil — demanda posteriormente ampliada ao trabalho domiciliar, em particular feminino. Essa situação de contigüidade espacial representa para a população favelada um fluxo de recursos materiais não só por via das relações de trabalho, mas também, como veremos, por meio do assistencialismo, o que lhe propicia um maior acesso à proteção social e ao consumo.

No entanto, essa interpenetração da favela com o entorno privilegiado apresenta um aspecto de sentido inverso, materializado e simbolizado pela arquitetura de segregação que caracteriza os "enclaves fortificados"<sup>5</sup> nos quais passaram a se estabelecer as elites da metrópole. Trata-se dos fortes esquemas de segurança e vigilância que cercam as mansões e os condomínios do bairro, distanciando ou mesmo isolando seus moradores do contato com a vizinhança pobre da favela como *locus* do perigo e da violência. Entre os dois espaços desenvolve-se portanto uma relação de *evitação* e *dependência*.

A localização da favela, bem como sua antigüidade, são fatores que aumentam seu capital social. Com efeito, em face do contexto de pobreza da RMSP e dos locais de origem dos favelados, mudar-se para Paraisópolis constitui uma estratégia de melhoria social para os muito pobres, como já destacado. Para além desses fatores, a pesquisa constatou ali a existência de uma significativa "estrutura de oportunidades", na qual estão consolidadas inúmeras redes de relações sociais. Em um contexto em que são precárias a inserção no mercado de trabalho formal e a disponibilidade de serviços públicos, os indivíduos encontram nas redes sociais a possibilidade de minimizar carências e solucionar problemas. Em Paraisópolis essas redes são estruturadas a partir de vínculos societários primários (entre parentes, conterrâneos, vizinhos), participação em associações civis (basicamente em torno da União de Moradores) e práticas associativas religiosas (também permeadas pelas redes familiares, mais especificamente no caso evangélico). A seguir, examinamos de perto a configuração e alcance de cada uma dessas três modalidades de redes sociais.

(4) Cf. Mafra, Clara. "Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência", Zaluar, Alba. "Crime, medo e política". In: Zaluar, Alba e Alvito, Marcos (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003; Alvito, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

(5) Caldeira, Teresa. "Enclaves fortificados: a nova segregação urbana". *Novos Estudos*, nº 47, 1997.

## As redes de parentes, conterrâneos e vizinhos

Paraisópolis está socialmente estruturada sobretudo em vínculos decorrentes do processo migratório, que mobiliza parentes, agregados e conterrâneos. Segundo o *survey* aplicado na favela, sua população tem procedência majoritariamente nordestina (80%), sendo os principais estados de origem a Bahia e Pernambuco, que respondem por mais da metade dessa migração (33% e 21%, respectivamente) — assim é que, dado o contraste com o cinturão de riqueza que lhe envolve, Paraisópolis assume como que a configuração de um "enclave nordestino". Muitos desses migrantes já possuem experiência de vida na RMSP: cerca de 80% residem na região há pelo menos três anos, sendo que metade deles há mais de dez anos. Os migrantes mais recentes (menos de três anos em São Paulo), que compõem os demais 20%, apresentam um perfil diverso, sendo predominantemente originários do interior do estado de São Paulo.

Essa composição populacional certamente está relacionada com a lógica dos fluxos migratórios no Brasil, que encontram nas redes familiares o mecanismo estruturador do deslocamento e da acomodação nas grandes cidades<sup>6</sup>. A imensa maioria dos migrantes de Paraisópolis veio para São Paulo diretamente para a favela, e para muitos a decisão de migrar se apoiou na existência de um ponto de chegada estável: nada menos que 65% declararam ter tido apoio familiar para se estabelecer em Paraisópolis ao chegar à cidade.

Os depoimentos de inúmeros favelados confirmam que o processo migratório ocorre como um projeto familiar. A saída do local de origem se deve ao desejo de uma melhoria no padrão de vida, que se estende aos familiares e parentes mais próximos. A idéia é que a cidade grande pode oferecer melhores oportunidades de ascensão social, sobretudo para os mais jovens, que não têm alternativas no Nordeste. Frequentemente são eles a iniciar o processo de migração: uma vez estabelecidos, costumam trazer os pais e familiares. Entre os casados, é comum que apenas o pai migre e somente depois traga o restante da família. Em suma, a migração ocorre por etapas, em que se busca inicialmente a criação de condições favoráveis ou mínimas para depois trazer os parentes.

O momento da migração é um ponto dramático em qualquer história de vida relatada, passagem marcante de uma forma de vida a outra, em que sofrimentos e dificuldades são substituídos por outras carências e percalços. No momento da chegada é de vital importância a rede de relações familiares, que dá um mínimo de suporte até o indivíduo conseguir "arranjar-se", ou seja, arrumar um emprego, alugar uma casa e/ou aumentar seu leque de relações. Abrir a casa a um parente para curta ou longa estadia, emprestar dinheiro e auxiliar na resolução de problemas de ordem emocional e afetiva são algumas das faces desse suporte.

Segundo Filgueira, as estruturas familiares nucleares vêm se debilitando com os divórcios e com os abandonos do lar pelos homens, tendência

(6) Cf. Durham, Eunice. *A caminha da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1984; Jannuzzi, Paulo M. *Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

que tem aumentado ainda mais a vulnerabilidade dos mais pobres em meio a um contexto de rompimento do círculo virtuoso "emprego-segurança social"<sup>7</sup>. Esse quadro de famílias nucleares quebradas também é válido para Paraisópolis, mas ali existe uma vasta rede de parentes que atenua parcialmente as necessidades materiais e afetivas — e nesse caso uma quase obrigatoriedade do auxílio subjaz à relação. Segundo o *survey*, somente 7% dos moradores não possuem parentes na favela, e é significativo o tamanho médio das famílias, da ordem de quatro pessoas<sup>8</sup>. Como veremos, os laços religiosos também fortalecem as relações familiares (e vice-versa).

As redes sociais de Paraisópolis abrangem também os conterrâneos, que são vizinhos na favela. Nessas relações o auxílio geralmente é mais conjuntural e de baixo custo, consistindo por exemplo em emprestar dinheiro para a condução ou em participar nos mutirões de "encher a laje" (construção de casas), os quais são casos típicos de ajuda mútua nas comunidades pobres. Em suma, essas interações familiares, de vizinhança e entre conterrâneos são desdobramentos do contexto de migração, e nelas se encontram *sistemas de reciprocidade* estruturados sob normas sociais cuja regra principal é a *relação de confiança* — tal como se pode aferir mediante um enfoque no poder local.

### *Tenório: de migrante a líder*

Em Paraisópolis existem núcleos específicos de migrantes, dentre os quais o mais influente e numeroso é formado pelos parentes e conterrâneos que se agrupam em torno da liderança de Tenório<sup>9</sup>, quarto filho de uma família nordestina de onze irmãos, que iniciou o processo de migração há mais de trinta anos. Embora o local de origem e o pertencimento à família sejam os principais critérios para fazer parte do grupo, também o integram várias pessoas não pertencentes a essas categorias, mas que estabeleceram estreita relação com Tenório em virtude do poder que ele exerce na comunidade. Nem todos os seus conterrâneos estão a ele vinculados, e muitos moradores procuram mesmo se distanciar da sua influência. Alguns dos seus irmãos são fiéis de uma denominação pentecostal presente na favela e insistem na readesão de Tenório: isso porque ele já foi membro da Assembléia de Deus, e hoje se considera um "crente desviado". No entanto, a maioria dos moradores entende que ele garante a segurança local.

A favela desenvolveu uma relação de temor e gratidão com Tenório. Muito embora ele afirme "ter muitos amigos" ali, suas relações com os moradores ancoram-se em boa parte no medo de repreensões a atitudes que contrariem sua liderança. Ao mesmo tempo, eles também demonstram gratidão pelo recebimento de benefícios por ele proporcionados, tais como ajuda financeira e doação de material de construção, mas a ascendência de Tenório sobre a comunidade se dá sobretudo por seu papel de "pacificador", que se manifesta por exemplo na expulsão de invasores de terreno.

(7) Filgueira, Carlos. *La actualidad de viejas temáticas: sobre los estudios de clase, estratificación y movilidad social en América Latina*. Santiago do Chile: Cepal/Eclac, 2001 (série Políticas Sociales), p. 15.

(8) As famílias de Paraisópolis são constituídas em média por jovens casais com um a três filhos, sendo maior a proporção de famílias com dois filhos. Cerca de 75% da população é composta de pessoas casadas, chegando a quase 90% a proporção das que têm filhos.

(9) Nome fictício.

Ouvimos várias declarações como "É Deus no céu e Tenório na Terra", tal o reconhecimento desse seu papel não só pelos moradores da favela, mas também pelos comerciantes ali estabelecidos (alguns dos quais não-moradores). Trata-se porém de uma "pacificação instável", pois a qualquer momento podem ocorrer confrontos com novos grupos. Assim é que muitos especulam que sem o domínio ou "pacificação" de Tenório a favela não seria um lugar viável para se morar ou manter um negócio.

Segundo depoimentos de alguns membros do grupo de Tenório, há uma espécie de acordo de não-violência com a vizinhança rica. O fato é que na ausência de uma política de segurança foi estabelecido um "contrato implícito"<sup>10</sup> com essa vizinhança (um acordo que muito provavelmente conta com a conivência da polícia). Vários moradores dos condomínios do entorno afirmaram que Paraisópolis é uma favela "tranqüila" em comparação a outras da cidade. Pessoas não-moradoras e de classe média-alta ligadas aos projetos sociais desenvolvidos na favela circulam por ela com tranqüilidade durante o dia (mas com algum receio à noite).

Em seus trabalhos na favela carioca Cidade de Deus em meados dos anos 1990, Zaluar já demonstrava que as categorias "herói" e "bandido" e os sentimentos de temor e gratidão pautam a relação da população com os chefes do tráfico locais<sup>11</sup>. Em Paraisópolis, porém, os índices de violência são relativamente baixos e o tráfico de drogas bastante diminuto. A presença de armas de fogo, conseqüência marcante em contextos de intenso tráfico de drogas<sup>12</sup>, é pequena. Assim, as características de Tenório se aproximam mais às de um "pacificador-justiceiro" do que às de um chefe do tráfico, de modo que sua presença — ambígua — é mais que tolerada pelos moradores. Dessa rede de cumplicidade participam algumas lideranças locais, que recorrem a consultas e auxílios de Tenório. Um político de esquerda que tem em Paraisópolis uma de suas bases eleitorais admitiu que, dada a ausência do Estado na favela, só resta dialogar com esse poder local para ali promover qualquer melhoria.

### A rede associativa civil

A entidade representativa da população de Paraisópolis é a União de Moradores. Como articuladora principal dos agentes externos, ela é o canal mais acessível ao poder público. Sua atividade, que depende do trabalho voluntário de alguns moradores, se concentra na distribuição de contas de luz, no pedido de ajuda para doentes e/ou migrantes recém-chegados e na mobilização política dos moradores para pleitear algum benefício coletivo. Alguns dos membros da diretoria da entidade são ligados a Tenório e contam com seu apoio, embora isso não transpareça para os moradores e as demais instâncias associativas.

Graças à boa relação dos dirigentes da União de Moradores com a atual gestão do poder municipal, o bairro vem conseguindo a implementa-

(10) Mafra, op. cit.

(11) Zaluar, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

(12) Cf. Zaluar, "Crime, medo e política", loc. cit.

ção de projetos sociais da prefeitura, como aulas de informática ministradas no centro instalado no espaço da União para atender aos jovens carentes da comunidade. Por outro lado, com a descentralização da gestão municipal por meio da implementação das subprefeituras Paraisópolis conseguiu concentrar um bom número dos projetos e obras destinados ao distrito de Campo Limpo, ao qual pertence. Na verdade, o líder comunitário da União de Moradores, que há anos exerce esse papel, foi ligado a um político petista com base eleitoral em Paraisópolis que já foi administrador regional e vereador do Município e atualmente é deputado estadual. Com a ascensão do PT ao governo municipal melhoraram as relações entre a entidade e o poder público, em boa medida porque alguns de seus diretores ocuparam cargos no gabinete do deputado.

Um dos impasses com que atualmente se depara Paraisópolis gira em torno de sua urbanização, que, se concretizada, implicará remoção de uma parte dos moradores. Trata-se na verdade de uma questão que remonta às administrações municipais de Paulo Maluf e Celso Pitta, nos anos 1990: se agora os fortes vínculos das lideranças locais com as forças políticas petistas facilitam a negociação com a prefeitura, dificultaram-na quando a administração foi pepebista. A manutenção da oferta de serviços públicos e o direcionamento de programas sociais para a favela estão em boa medida sujeitos às intempéries do jogo político-partidário municipal, de modo que a instabilidade da esfera político-institucional é um dos fatores das situações de vulnerabilidade vividas pela comunidade.

Além da União de Moradores, há uma extensa rede de ONGs e instituições que prestam algum tipo de serviço à comunidade, mas cujos gestores e financiamentos provêm de fora da favela: do entorno rico, da rede de voluntários da cidade e do Terceiro Setor. Ao redor de quarenta, essas entidades se articulam com empresas privadas que patrocinam projetos diversos. Estes são bem conceituados pela população local, ainda que a oferta não seja suficiente para atender à demanda.

Muito da especificidade de Paraisópolis em relação a outras favelas da RMSP advém das atuações desses atores e associações, dentre as quais se destaca a da comunidade judaica, que atua na área da saúde por meio de um programa social do hospital Albert Einstein. Parte da população infantil de Paraisópolis é assistida pelo posto de saúde mantido pelo hospital, que utiliza o trabalho de "médicos de família" e de agentes de saúde arremetidas na própria comunidade. Percorrendo as ruas da favela, é freqüente ver as agentes de saúde visitando os moradores casa por casa.

Alguns condomínios realizam por sua vez coletas de alimentos e roupas entre seus moradores em benefício da favela, tornando-a um campo para os assistencialismos de cunho religioso ou laico. A contrapartida dessas iniciativas assistencialistas é prevenir aquele que do ponto de vista das classes privilegiadas é o maior problema dos lugares pobres: a violência. Cursos oferecidos por ONGs e associações de fora do bairro, para além de seus resultados materiais, modificam a visão de mundo do favelado. Se em outras comunidades o assédio do tráfico aos jovens é bem-sucedido sobre-

tudo em virtude da falta de políticas sociais a eles destinadas, em Paraisópolis esse grupo etário é alvo de algumas ações que contribuem para atenuar a situação de risco que caracteriza as localidades mais pobres da metrópole.

Para articular esse conjunto de ações da União dos Moradores, ONGs e movimentos filantrópicos foi criado o Fórum Multientidades, no qual os respectivos atores se organizam para otimizar esforços na solução dos problemas da comunidade e desobstruir os canais de acesso ao poder público. Trata-se de um organismo deliberativo peculiar, que não segue os moldes de uma associação comum, funcionando sem registro ou hierarquia explícita entre os participantes. Estes, de forma geral, são críticos quanto à passividade dos moradores e à relação paternalista com o Estado. Em reuniões do Fórum reclama-se com frequência do não-aproveitamento da capacidade de mobilização evangélica na ação social em Paraisópolis. Embora exista uma ativa rede de instituições do Terceiro Setor em Paraisópolis, o fato é que ela pouco envolve os moradores, os quais se associam predominantemente via religião.

### **A rede associativa religiosa**

O *survey* realizado em Paraisópolis revelou que cerca de 70% dos moradores que participam de alguma associação o fazem junto a entidades religiosas. Mostrou ainda que ali predominam dois grandes grupos religiosos: 75,6% de católicos e 19,4% de evangélicos, o que corresponde a 95% da população da favela<sup>13</sup>. Visto então que as práticas associativas mais frequentes em Paraisópolis são as de caráter religioso, torna-se relevante compreender o perfil dessas práticas nas duas principais religiões ali presentes. Antes, contudo, convém comentar o trabalho filantrópico dos espíritas kardecistas na favela (além de lembrar a mencionada atuação da comunidade judaica).

Motivados pelo princípio religioso da caridade como meio de evolução espiritual, os kardecistas realizam nas áreas pobres da cidade uma intensa ação filantrópica, a qual não se caracteriza pelo proselitismo, mas pela participação voluntária em programas sociais. Na verdade, a rede kardecista se sobrepõe ao crescente movimento de voluntariado no país durante a última década. Os dados censitários revelam que dentre os principais grupos religiosos no Brasil eles são os mais escolarizados e de maior renda, residindo portanto nas áreas mais privilegiadas da cidade. Entre os moradores de Paraisópolis os praticantes do kardecismo são pouquíssimos, mas há ali uma significativa presença de kardecistas filantrópicos vindos sobretudo do entorno rico.

Os dados georreferenciados no mapa da página a seguir mostram que na cidade de São Paulo os templos da denominação evangélica Assembléia de Deus, além de mais numerosos, são mais enraizados entre os estratos pobres do que as paróquias católicas. Tal predominância é com efeito

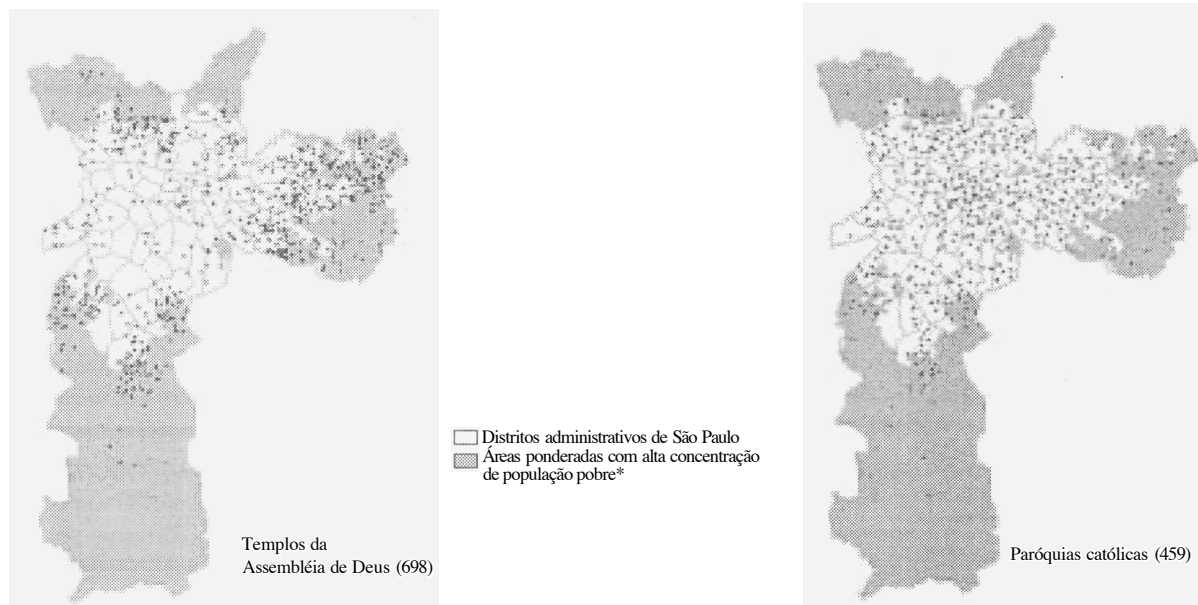
(13) Entre os 5% restantes, 3,3% se declararam sem religião e os demais mencionaram outros credos. Para uma análise detalhada dos dados do *survey* acerca das práticas associativas civis e religiosas em Paraisópolis, ver o artigo de Adrián Gurza Lavalle neste número de *Novos Estados*.



constatada em Paraisópolis, onde há forte e diversificada presença de denominações evangélicas, com oito templos da Assembléia de Deus, sete da Deus é Amor, quatro da Igreja Presbiteriana e sete templos de outras denominações<sup>14</sup>. Já a Igreja Católica é ali representada por apenas uma paróquia, o que na verdade condiz com a sua estrutura de subdivisão espacial menos descentralizada.

(14) A saber, das Igrejas Universal, Batista, Adventista do Sétimo Dia, Paz e Vida, Congregação Cristã do Brasil, A Voz de Jesus e Comunidade Beneficente Compromisso com Deus.

Distribuição dos templos da Assembléia de Deus e das paróquias católicas  
Município de São Paulo  
2003



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000; Centro de Estudos da Metrópole (CEM/Cebrap), banco de dados de endereços religiosos na cidade de São Paulo; elaboração de Eduardo Marques (*Grupos sociais em São Paulo na virada para o século XXI*. São Paulo, 2004, mimeo).

(\*) Corresponde a um universo populacional construído a partir do cruzamento das variáveis renda, escolaridade, cor, migração nordestina, condições urbanas e taxa de crescimento do local, extraídas do Censo 2000.

As dioceses e paróquias católicas são pensadas pela Igreja Católica como se houvesse jurisdições religiosas, de forma que o alcance territorial de uma paróquia ou diocese não se sobrepõe ao de outra — ao contrário, elas devem ser contíguas e complementares. No Brasil, e em especial na RMSP, gravitam ainda em torno das paróquias as comunidades eclesiais de base (CEBs), que aumentam o alcance territorial da Igreja e lhe garantem um maior enraizamento. No final da década de 1980 a Arquidiocese de São Paulo foi subdividida em mais dioceses, o que resultou na multiplicação das paróquias e das comunidades. Ambas, contudo, demoram a chegar nas regiões de maior vulnerabilidade. O braço assistencial da Igreja, com suas

pastorais e filantropias, chega mais rapidamente a esses lugares, nos quais porém há pouca presença fixa de templos e sacerdotes católicos.

Em Paraisópolis a ação social dos católicos é voltada sobretudo para programas de educação e capacitação profissional, destacando-se entre eles três grandes projetos. O colégio Porto Seguro, pertencente à colônia alemã, oferece bolsas de estudo para primeiro e segundo graus. O colégio Pio XII cede parte de seu espaço a uma pequena escola que atende algumas crianças da favela. Trata-se de um convênio com a prefeitura, a qual arca com o pagamento dos funcionários e a merenda escolar, enquanto a infraestrutura é oferecida pelo colégio. A maior iniciativa é a do mosteiro beneditino São Geraldo, ao qual pertence o colégio Santo Américo. Apesar de não oferecer bolsa de estudos, o mosteiro mantém com a Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social, há quase 25 anos, um consistente e prestigiado programa de caráter público em Paraisópolis: uma creche, com vários programas de lazer, complementação educacional e profissionalização.

Enquanto os moradores de Paraisópolis que se declaram católicos apresentam baixa frequência à igreja, os evangélicos — tanto pentecostais como protestantes históricos — são extremamente militantes na religião: cerca de 70% afirmam frequentar os serviços religiosos uma ou mais vezes por semana, proporção que sobe para 81,5% se considerarmos a frequência de no mínimo uma vez por mês. A interação propiciada por essas reuniões resulta em formação de alianças matrimoniais, laços de solidariedade econômica e forte capacidade de mobilização interna.

Observou-se nas igrejas evangélicas de Paraisópolis a existência de redes familiares construídas ao longo do processo migratório como núcleo duro de um corpo mais amplo de fiéis. De fato, os templos evangélicos abrigam cada vez mais uma densa rede de relações que atrai pessoas em situação de vulnerabilidade, como predominantemente ocorre entre os migrantes nordestinos em São Paulo. A antropologia e a sociologia da religião dos anos 1960 e 70 tenderam a atribuir a crescente adesão ao pentecostalismo aos contextos de urbanização a que se submetiam os migrantes de áreas rurais do Nordeste<sup>15</sup>. A literatura dos anos 1980 criticou essa explicação funcionalista por entender o fenômeno religioso em termos de *anomia social*<sup>16</sup>, mas sabe-se que os nordestinos são predominantemente católicos no Nordeste e que no Sudeste tendem a ser evangélicos. Assim, se certas explicações teóricas já não são satisfatórias, o fenômeno permanece: a migração influi na mudança religiosa.

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando aumento de auto-estima e impulso empreendedor no indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por meio de laços de confiança e fidelidade. Nos templos há circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimentos, utensílios, informações, recomendações de trabalho etc. À diferença dos programas sociais promovidos de fora da favela por católicos e kardecistas, trata-se de uma reciprocidade entre os próprios fiéis moradores da favela (pastores inclusive) que se pauta pelo

(15) Cf. Willems, Emilio. *Followers of the new faith: culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press, 1967; Souza, Beatriz M. de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969; César, Waldo. "Urbanização e religiosidade popular: um estudo da função da doutrina pentecostal na sociedade urbana". *Vozes*, nº 7, 1974; D'Epinay, Christian L. *O refúgio das massas: estudo sociológico do protestantismo chileno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

(16) Cf. Fry, Peter. "Manchester, século XIX, e São Paulo, século XX: dois movimentos religiosos". In: *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

princípio bíblico de ajudar primeiro os "irmãos na fé" (os freqüentadores do mesmo templo). Estes se casam majoritariamente entre si; muitos parentes se evangelizam e se tornam assim "irmãos de fé"; a sucessão religiosa nos templos também passa costumeiramente pela rede de parentesco. Assim, sobrepõem-se no âmbito evangélico as redes familiares e religiosas, bem como as de vizinhança e de conterrâneos.

Na mesma medida em que essas redes incluem, sobretudo pobres e migrantes, são também excludentes. Apesar de ser aberto e voltado à atração de pessoas, o meio evangélico é parcialmente restritivo na formação de laços sociais. Os fiéis devem preferencialmente procurar seus cônjuges no seio da mesma denominação ou, no máximo, dentro do espectro evangélico. Em Paraisópolis eles poucos participam de outras instâncias associativas, como a União de Moradores e as associações político-partidárias e de lazer. O uso do tempo livre é dedicado à freqüência aos templos — na verdade, as próprias denominações suprem seus fiéis com lazer por meio da formação de grupos de música, teatro, esportes etc.

Granovetter adverte sobre os limites dos "laços fortes", que restringiriam a circulação de informações e benefícios. Para ele, a demasiada interação em uma só rede de pessoas acaba por excluir outros circuitos, o que fixa o alcance da rede e torna as informações redundantes. Daí a "fortaleza dos laços fracos", na medida em que se mantêm abertos a novos contatos e aumentam assim a possibilidade de acesso a benefícios<sup>17</sup>. Os evangélicos, todavia, mantêm-se ao mesmo tempo relativamente fechados em sua solidariedade interna e abertos à busca de benefícios, sobretudo os de origem estatal. Desde sua entrada na atividade política, na Constituinte de 1986-88, os evangélicos vêm pleiteando sua habilitação como agentes redistribuidores de programas governamentais para a população carente. O recente assistencialismo evangélico, em particular o dos neopentecostais, funciona em favor do fortalecimento da rede religiosa: ora a distribuição dos programas atende preferencialmente os evangélicos<sup>18</sup>, ora os benefícios são distribuídos por religiosos-políticos para gerar mais fiéis-eleitores.

As redes evangélicas são também fechadas quando em oposição a circuitos de reciprocidade negativa como o crime e o narcotráfico. Diversos trabalhos nas favelas do Rio de Janeiro mostraram como o narcotráfico desestabilizou as suas redes associativas, criando um "pacto implícito" entre bandidos e moradores<sup>19</sup>. Nesses contextos de violência, as redes religiosas criaram possibilidades de interrupção das trajetórias de risco dos jovens.

Zaluar mostra que as relações de católicos e de evangélicos com a atividade político-associativa e o crime têm padrões diferentes<sup>20</sup>. Os primeiros não vêem um impedimento imediato em lidar com algum nível de corrupção presente em parte da rede de associações político-civis locais, ao passo que procuram marcar sua distância dos traficantes e combater a entrada de jovens na criminalidade por meio da educação, práticas culturais e capacitação profissional. Já os evangélicos vêem a atividade política como corruptora, e por isso são menos tolerantes quanto à participação nas

(17) Granovetter, Mark. "The strength of weak ties". *American Journal of Sociology*, vol. 78, n° 6, 1973, pp. 1.360-80.

(18) Caso exemplar disso foi a participação das denominações evangélicas nos programas sociais da gestão Garotinho no governo do Rio de Janeiro (1999-2002) (cf. Machado, Maria das Dores C. "Igreja Universal: uma organização providência". In: *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003).

(19) Cf. Mafra, op. cit.; Zaluar, "Crime, medo e política", loc. cit.; Alvito, op. cit.

(20) Zaluar, "Crime, medo e política", loc. cit.

associações. No que diz respeito ao tráfico, seus esforços se voltam mais para a conversão dos criminosos do que para os problemas sociais dos locais onde o crime se desenvolve e perpetua<sup>21</sup>. A ação dos evangélicos (participem ou não em outras associações) é acentuadamente voltada para a regeneração individual, com pouca ênfase em questões coletivas: a capacidade mobilizadora evangélica está muito mais direcionada para a conquista das almas.

Enfim, o perfil das redes associativas religiosas observadas em Paraisópolis pode ser assim resumido: em face dos evangélicos, as ações de católicos e kardecistas são mais universalistas, na medida em que para eles o pertencimento a uma ou outra religião não é filtro de seleção na distribuição de benefícios; a atividade católica é menos proselitista e mais voltada para uma ação social que incida nas causas sociais da pobreza, enquanto a filantropia kardecista tem um perfil mais assistencialista, sem enfatizar as transformações sociais; já os evangélicos praticam um assistencialismo — tímido em algumas denominações e sujeito a muitos interesses em outras — cuja orientação geral é de que as dificuldades materiais decorrem das ordens moral e espiritual, mas cujos efeitos indiretos (a solidariedade interna) constituem uma rede de relativa proteção social.

### Considerações finais

Ainda que na favela de Paraisópolis se verifique uma significativa e variada circulação de benefícios, essa oferta não dá conta das crescentes demandas dos seus moradores, que em boa parte se vêem excluídos do mercado de trabalho formal e da rede de serviços públicos. Entretanto, um dos argumentos deste artigo é que Paraisópolis é um local privilegiado em relação a outras favelas e áreas pobres de São Paulo: ser pobre ali é melhor do que ser pobre em uma periferia geograficamente distante e com poucos vínculos sociais. Constata-se assim a diversidade da configuração da pobreza no espaço metropolitano, que varia conforme o maior ou menor acesso dos indivíduos a uma "estrutura de oportunidades" e o "capital social" presente em cada contexto.

Vimos que um dos fatores que constituem o capital social de Paraisópolis é a sua interação com o entorno rico, a qual — embora entremeada por relações de *evitações* (típicas dos "enclaves fortificados") — construiu fluxos de *reciprocidades* que possibilitaram a convivência de desiguais num espaço bastante circunscrito, sobretudo na forma de relações empregatícias e assistenciais. Vimos também que em Paraisópolis opera uma vasta rede de relações sociais primárias (de parentesco, de vizinhança, entre conterrâneos) e associativas (civis e religiosas) na qual circulam benefícios na forma de auxílios, influências, contatos etc. Nesse contexto, as redes sociais funcionam como ativos, e quanto mais recursos elas têm, mais conseguem obter.

(21) Mafra (op. cit.) sugere que o discurso evangélico e o do narcotráfico teriam uma estrutura simbólica semelhante, na medida em que ambos seriam auto-referidos e pouco argumentativos. Ademais, tanto crentes e como bandidos teriam práticas maniqueístas, clientelistas e hierárquicas. Segundo a autora, os pentecostais crescem em contextos de violência porque não têm respostas diretas à presença da violência, já que para eles a solução estaria na regeneração moral das pessoas e não no enfrentamento do problema social: "a continuidade entre os dois sistemas simbólicos propicia o crescimento de um no outro".

Cabe ressaltar que nessas redes sociais há atores ("pacificador", líder comunitário, agente político-partidário etc.) que ocupam posições "nodais" ao fazer a mediação entre os benefícios e os beneficiados e articular as diferentes redes operantes em Paraisópolis, além de interceder na resolução de problemas como briga entre vizinhos por espaço ou na obtenção de cestas básicas, medicamentos etc. Por sua atividade, ascendência e prestígio entre os membros da comunidade, esses "nós de rede" são freqüentemente procurados e consultados por agentes externos — públicos e privados — para viabilizar e legitimar seus empreendimentos de benfeitorias sociais e assistenciais aos olhos da população.

Operando em redes alheias ou paralelas ao mercado e ao Estado, esses sistemas informais — baseados em relações face-a-face, contínuas e organizadas em obrigações recíprocas e princípios de autoridade — veiculam benefícios e provêm os indivíduos com recursos não somente afetivos ou "espirituais", mas também materiais. Enfim, a estrutura das relações sociais modela a "estrutura de oportunidades" dos indivíduos, na medida em que o capital social reside no vínculo *entre* as pessoas e não nas próprias pessoas.

Recebido para publicação em  
24 de março de 2004.

Ronaldo de Almeida, antropólogo, é pesquisador do Cebrap e do Centro de Estudos da Metrópole. Tiaraju D'Andrea é assistente de pesquisa do CEM.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 68, março 2004  
pp. 94-106

---